

ENTREVISTA

Marcos Fábio Freire Montysuma (Graduado em História, Doutor, Professor, Universidade Federal de Santa Catarina)

Sobre o entrevistado

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Acre (1985), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). PosDoc na Universidade Nova de Lisboa/2017.

Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi presidente da CPA/UFSC.

Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Contemporâneo; História Regional do Brasil; História Oral e Memória.

Atua principalmente em: memória, história oral, história ambiental, gênero e meio ambiente, cultura e meio ambiente, Amazônia.

Atua no Programa de Pós-Graduação em História/UFSC e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFSC. Coordenador do Laboratório de História Oral/DH/CFH/UFSC.

ORCID: 0000-0003-0895-7993

Lattes: 3709395886751456

E-mail: mmontysuma@gmail.com

1. Os movimentos de extrema direita que emergiram no Sul e Norte Global são marcados por diferenças significativas. Mas há particularidades e nuances de ambas as experiências. Quais são as semelhanças e diferenças?

Marcos Montysuma – Não há dúvida que esses movimentos de extrema direita emergidos no Sul e Norte Global apresentam proximidades, similaridades, assim como diferenças, que poderíamos apontar como notáveis, em seus estilos de luta pelo poder.

Ocorre um estilo comum, que é situado na linguagem empregada.

A linguagem, como atributo de comunicação, é o mecanismo mais antigo, que conhecemos na história da humanidade. Essa habilidade fenomenal é utilizada para significar, atribuir sentidos e distinguir o objeto eleito, que pode ser para efetivamente nomear ao que é novo ou renomear o que já existe e já se conhece, como instrumento, função, ideia, comportamento. Efetivamente funciona de modo prático com toda eficácia intermediando as relações sociais como conhecemos em nossas vidas. O ato de nomear ou renomear com ou além dos sentidos e funções projeta desdobramentos não previsíveis e não necessariamente perceptíveis na sociedade.

Logo o emprego da linguagem, para nomear e significar, ocorre como expressão ou sob as relações de poder. Genuinamente expressa poder. A contingência desse tipo de poder para nomear o que se quer significar, decorre das

refregas políticas, contidas nas ações ordinárias nos corpos sociais, em todo tipo de grupo que atuamos, desde os mais informais aos mais formais e regulamentados.

Quando olhamos sob a lente das teorias, das análises apuradas das investigações científicas temos que em sociedade nada acontece ingênua e despreziosamente ou como ação espontânea, como a priori se poderia presumir. Pode não ser percebido aos olhos desatentos de quem, apenas, luta pela sobrevivência – como se fala. Mas a disputa intestina, para ocupar os espaços de poder no grupo, está lá saturando as dinâmicas sociais no cotidiano. O exercício da palavra é um exercício de poder. Em certos rituais ou solenidades a palavra só é dada a quem tem, a quem exerce o poder. E dar nome ou renomear é a expressão máxima do poder exercido.

Então, não “se briga por pouco” como dizemos normalmente, quando queremos relevar uma situação, em que a outra pessoa reage indignada, quando ouve determinadas frases ou palavras, carregadas de sentidos (tudo tem sentido), mas aos ouvidos dos demais aquilo parece não ser nada. Pelo contrário! Tem sentido e há-se que esgarçá-los, sob pena de ocorrer *derrota*, por ignorar o conteúdo expresso naquelas circunstâncias.

Só nomeia, quem lidera, quem tem poder, quem exerce poder. Ou ainda, quem demonstra disposição para a luta pelo poder. O emprego da linguagem, no exercício do poder demonstra uma postura que independente do seu conteúdo, consiste num aparato essencial, que serve como uma indumentária instrumental disponível a quem age politicamente. Quando saímos da porta de casa, tudo o mais é ação política, ainda que subjetiva, ela impacta a sociedade vigente. Logo não existe ação ingênua, inofensiva, sem desdobramentos, quando apelamos para o peso da linguagem quando utilizada como arma política.

Mesmo que os agentes não construam novas palavras para nomear, ou não apelem para renomear atribuindo novos sentidos a um dado conteúdo conhecido, ainda assim nos encontramos numa situação, que expressa quem

tem o poder de articular juntando sob uma mesma acepção as situações, para além de haver ou não uma relação ou sentido comum. Sendo assim, se o exercício da mensagem transmitida apontar para determinados sentidos cognoscíveis aos receptores é porque temos aí um aparato discursivo útil a quem tem um objetivo a alcançar através da retórica. Ainda que sob vários aspectos apresentem distinção ou semelhança. Mas os conteúdos tomados como conjunto, ou as palavras tomadas isoladamente ou integrando as frases, uma vez reunidos ganham determinadas feições, quer sejam simbólicos ou não. Mas uma vez juntos se prestam a cumprir determinados fins que são uteis aos propósitos intencionalmente projetados por quem os elabora. Os assuntos (temas, questões, opiniões, acusações, insultos, mentiras) tomados sob o mesmo guarda-chuva, ainda que de modo tosco, bizarro, caricatural e jocosamente juntados provocam sentidos que funcionam como instrumento para alcançar um resultado político desejado.

Entendo que vivemos essas situações.

Nessas circunstâncias é importante compreender o fenômeno da linguagem, tomada aqui como essencial para decifrar os mecanismos de atuação desses movimentos de extrema direita, no tempo presente, tanto no Brasil, quanto no plano internacional. Porque temos uma expressão em comum. Nisso pouco importa o tema em discussão; pouco importa para qual público se direciona; pouco importa qual seja o oponente ou inimigo eleito para direcionar o discurso desses movimentos.

Mas não falamos somente da linguagem falada em palavras e grafada, como mecanismo de comunicação social. Outro fenômeno na comunicação que devemos prestar atenção consiste nas utilizações das imagens. Elas também comunicam de modo bastante eficaz. E seu uso é frequente. Elas são exploradas já há bastante tempo por governos e estados de todos os perfis.

As imagens são úteis à comunicação quando projetam algo que já existe e conhecemos o que dizem. Como também acontecem com aquelas, que por já existirem e serem conhecidos

os seus significados, elas são manipuladas, decompostas, desdobradas, reutilizadas, reapropriadas, ressignificadas cumprindo o papel de comunicar mensagens carregadas de outros sentidos, além daqueles originalmente projetados. Isso pode ser para um lado ou para o outro – como falamos despretensiosamente: para o bem ou para o mal.

A tarefa de manipular imagens está facilitada nos nossos dias. É assim porque qualquer pessoa pode fazer sem agruras. Para atuar nessa esfera basta conhecer as funções dos aplicativos de um celular. Isso decorre dos novos recursos tecnológicos, proporcionados pelo universo computacional e digital (para os fins dessas e outras manipulações, quero crer que computacional e digital assumem quase que similaridades, ainda que apresentem distinções e especificidades). Importa que temos uma tecnologia massificada, acessível a qualquer pessoa.

É nesse ambiente que tudo pode ser misturado, confundido, levando a criações, como composições em bricolagem. Assim nossas mentes são confundidas e até corrompidas a ponto de não conseguir distinguir mais onde inicia e finda a realidade dos acontecimentos em sociedade; onde inicia e finda uma história. Uma vez que temos uma terra de ninguém naqueles espaços virtuais, por vezes as pessoas acreditam em algo que nunca ocorreu, sem lugar na história, mas naquele mundo ganha uma vivacidade que são tomados como a realidade tangível, quando é essencialmente realidade virtual, digo produzida no mundo computacional.

Esses recursos são utilizados por esses grupos políticos sem parcimônia.

Bem, mas quando prestamos atenção ao discurso proferido por esses grupos políticos, o que encontramos em comum consiste num conteúdo que expressa os mesmos tipos de preconceitos como ofensa e ameaça a determinados setores da sociedade. Isso é comum a todos. A linguagem por eles empregada, sem distinção, expressa preconceito religioso, misoginia, sexismo, homofobia, intolerância

política às esquerdas, independentemente da coloração. O mesmo ocorre contra os setores organizados da sociedade, como contra os sindicatos, associações, dentre outros organismos que cumpram o papel de defender direitos sociais.

Outra faceta comum apresentada pelas direitas do Norte e Sul global, consiste em se pronunciarem contra a estrutura de estado, contra o tamanho da máquina pública, que presta os serviços essenciais à população. Se pronunciam contra um dado *status quo* político, contra as organizações partidárias, como se não constituíssem parte delas, como se não integrassem o mundo da política, atuando por dentro dos partidos políticos, como se não fossem políticos e como se suas práticas também não fossem política.

Temos também essa ideia de se apresentarem como “o novo”. Quando pelo menos no caso brasileiro, esse chamado “novo” é tão velho a ponto de se conseguir encontrar os marcadores históricos da origem do discurso que proferem, que surgiu sob um dado contexto. Não se sabe se por cinismo ou falta de caráter fingem ignorar a verdade histórica para continuar a velha cantilena já conhecida. E o que é comum não diz respeito apenas a existência deles como peças políticas. Mas o fato de conseguir reunir público para segui-los, que dá ouvidos e alimenta os seus eventos. Na realidade esse novo é velho, roto, carcomido.

Mas o discurso da intolerância apropriado, ou construído e disseminado por esses grupos de perfil nazifascistas não chegaria tão longe e não faria sentido sem um ápice, sem uma apoteose. O ponto culminante dessa prática discursiva consiste na faceta mais radical e mais sombria que está arraigado na necropolítica. Por necropolítica, como tratado por Achille Mbembe, não basta só ameaçar com violência física os alvos escolhidos. Ocorre a disseminação da ideia da morte. Interpreto que a morte é incensada sob verdadeiros cultos. Se prestamos atenção detida aos seus discursos veremos que ocorre um culto como uma ritualização por onde a morte é entoada, disseminada com louvação, que causa

torpor no público presente. É essa multidão enfurecida por sangue que aceita complacentemente a banalização da violência e a pregação da morte como solução para todos os males da sociedade.

A ameaça prometida só ganha veracidade se houver um instrumento factível que leve a uma concretização real daquilo que é dito. O instrumento que expressa morte é a arma de fogo. E daí, no Brasil ocorrer um discurso e uma política armamentista, que ganha força e adeptos numa relação exponencial dentro desses grupos. Clubes de tiros e de caça foram estimulados, inventados e legalizados da noite para o dia no percurso de 2019 a 2022, numa escala sem precedentes. Não admira o aumento de uma bancada parlamentar armamentista, que sugere ser financiada por uma indústria das armas. Não por acaso ganhou força a designação da bancada do Boi, da Bala e da Bíblia, a bancada BBB.

Uma peculiaridade que ocorre no Brasil, diferente de outros países é que embora não houvesse comprovação, mas havia uma desconfiança e agora já começam aparecer os indícios apontados por reportagens e investigações policiais e da segurança institucional, que mapeiam e apontam militares da reserva atuando como milicianos, prestando segurança nos acampamentos preparatórios dos atos golpistas, articulando sabotagem, mapeando rotina de instituições e autoridades dos três poderes, como consta na matéria da Revista Fórum, de autoria de Raphael Sanz, de 21/07/2023.

Existem fortes indícios que teríamos uma dada peculiaridade que distingue o Brasil em relação aos outros países nas práticas da extrema-direita. Quanto a isso corre a propagação dos setores tomados como neopetencostais, que fazem uma leitura peculiar dos escritos religiosos de origem judaico-cristão, que está entrando em massa na política. Não é maioria na população, mas está organizado em lobbies eficazes, que atuaria na defesa de certas pautas e na distribuição do dinheiro das emendas parlamentares; estaria dominando as instituições

de Estado, por onde viria aliciando seguidores, integrantes das polícias militares, levados aos seus espaços de culto com uniforme de trabalho. Em muitos casos ocorre uma mistura deles todos sob as mesmas ideias para o combate ao dito inimigo comum. A chamada pauta conservadora aproxima esses setores dos grupos raciais de extrema-direita. Só um registro: a tomada das instituições por esses setores está em todos os lados.

Mas em cada lugar o inimigo escolhido é esse outro que em tese representa uma ameaça. A ameaça não é necessariamente real, objetiva. Basta apenas contrariar de modo sutil um grupo ou uma pessoa em seus interesses privados, em alguma coisa almejada por eles.

Na Europa o ataque volta-se para os povos colonizados que arriscando a vida em travessias clandestinas, em embarcações precárias aportam ao continente e suas ilhas ou são resgatados pelos grupos socorristas. Uma vez exauridos em seus países, seja por violência religiosa, calamidade, disputa política, violência de gênero partem em viagens cegas como último apelo à sobrevivência.

Nos Estados Unidos, ignorando a marcação histórica ainda corrente nos nomes ilustres do presente, elegem os imigrantes pobres como alvo da política de intolerância. Ali qualquer muro e qualquer tratamento desumano parece pouco para afugentar e separar os pobres esbulhados e solapados que tentam subir do Sul sob a ilusão de conquistar o chamado sonho americano.

No caso do Brasil os inimigos desses grupos são as esquerdas, sem exceção, mais notadamente o Partido dos Trabalhadores. Mas não menos ocorrem ataques reincidentes que vem resultando em mortes aos povos indígenas e aos defensores do meio ambiente. Ocorrem ataques violentos com invasões e filmagens cheias de cenas bizarras nas universidades públicas, assim como aos funcionários dos serviços públicos e dentre esses, de modo mais direto e inflamado contra os/as professores/as. Não fica para trás a população LGBTQI+, que não só é tratada com discriminação e ironia, mas também perseguida e assassinada sob os mais variados pretextos.

A grande peculiaridade no Brasil, diferente

de outros lugares, repousa numa característica de insistente apelo ao autoritarismo a pretexto de salvar a *pátria*. Acontece que a tal pátria que eles pregam salvar não está sob ataque externo. No entanto o mote utilizado vem claramente das chamadas viúvas da ditadura civil-militar (1964-1985). Existe uma turba hoje em dia no Brasil, que não suporta conviver com a democracia e entente que os militares não deveriam ter entregue o poder aos civis. Que os militares deveriam ter assassinados mais pessoas, para impor o terror na memória da sociedade como meio profilático para evitar qualquer resistência. Aquele regime durou vinte e um anos e deixou um rastro de sofrimentos por tortura, sangue derramado e morte. Muitos assassinatos sob a guarda do Estado continuam impunes sem esclarecimentos e os despojos das vítimas não foram entregues aos seus familiares. É a isso que se chama terrorismo de Estado. Noutros países da América Latina que sofreram com regimes ditatoriais, os militares terroristas inimigos da nação foram julgados e sentenciados e ainda amargam a justa prisão pelos crimes cometidos. Neles o terrorismo de estado não foi recompensado como no Brasil. Nesse quesito o Brasil é um péssimo exemplo para o mundo!

No Brasil torturadores e assassinos do regime ditatorial, não só foram anistiados dos crimes imprescritíveis por eles praticados, como viraram heróis e recebem homenagens... Até entraram para a política e ficam constantemente avivando a memória autoritária dando loas à ditadura, como se fosse a coisa mais natural do mundo. E ainda se julgam no direito de sabotar a democracia, como ocorrido no dia 8 de janeiro de 2023. Não é exagero falar que pelos indícios que paulatinamente são encontrados, o Brasil tem as forças armadas e as forças de segurança pública, que a pretexto de combater os tais inimigos internos forjou uma ideia de segurança em seus quadros, que o povo da nação é o inimigo a ser combatido. Sob essa ótica a formação profissional na caserna e academias de polícia enveredaram por um caminho que os movimentos sociais e a política são criminalizados. É nesse espaço que toda forma de ideologia autoritária ganha força. O

interior dessas instituições está corrompido por esses preceitos. Se misturam com os extremismos de direita. Essas instituições, na atualidade, a ideologia da segurança pública e da segurança nacional se misturam com um forte apego autoritário ditatorial, permeada por um espectro nazifascista. Ultimamente vários meios de comunicação mostram reportagens onde os movimentos que solaparam a frágil democracia brasileira contam com a participação de militares (falam da reserva – existe dúvida se somente estes) de várias forças, sob uma ideologia extremista, pregando meios violentos de tomada do poder, com ataque às instituições e autoridades, em claro desrespeito ao resultado das urnas - quando este resultado não lhes agrada.

Só para encerrar essa parte. Ao que tudo indica existe um perfil comum nas práticas da extrema direita, que todos os alvos são utilizados mecanicamente, como instrumento para catapultá-los na tomada de poder pela via eleitoral, pela via democrática. Uma vez vitoriosos trabalham para solapar as instituições de estado para assaltar o poder e implantar o terror – existe um modelo que eles já conhecem.

Há forte indício, quando observados certos marcadores, que os grupos nazistas e fundamentalistas brasileiros seguem um ritual que imitam de maneira considerável os grupos originados no Norte global, seja dos Estados Unidos ou Europa. Sinais de comunicação baseados em apitos de cachorro (como dog whistles – que só os iniciados entendem), gestos programados, modelos e cores das roupas, sinais identitários que remetem a movimentos distintos, apelos ao uso de caveiras nas roupas, roupas camufladas, utilização de máscaras no rosto construídas com adereços figurativos, camisas pretas, cruz de ferro, raios, insígnias nazistas. Tudo isso remete a um conteúdo que passa por imitação e apropriação que não é originado localmente. Mas ainda assim é útil e serve a esses grupos.

No Brasil assistimos manifestar-se uma extrema-direita que se apresenta através de um nacionalismo difuso, de espectro fantasmagórico, que confunde a mente das pessoas, que não se

presta necessariamente a defender os interesses da nação. Seus líderes vivem em gargarejo ao brother, batendo continência para uma bandeira que não é a sua. Nesse contexto o estado de Israel também recebe rasgados elogios, por segundo interpretarem ser o estado a terra do Jesus do evangelho. Nessa toada, os seguidores dessas ideologias vivem se cobrindo com as bandeiras daqueles dois países. Fazem isso como expressão de um dado nacionalismo e em apoio ao seu líder. Confuso um, confusos todos. Só não há confusão na visão e nas práticas de violência e defesa do estado autoritário.

2. Qual é o marco ou os marcos determinantes do surgimento das direitas radicais?

MM - Se nos olharmos a Europa interpreto que as direitas radicais, de hoje, se inspiram nos regimes totalitários do período entre as duas grandes guerras. Esse é um marco nostálgico que lhes orienta na defesa da construção do discurso do estado dito forte, de defesa dos interesses ditos nacionais, numa Europa unificada monetária e economicamente. Ali o alvo majoritário é esse outro, imigrante, que ameaça o emprego dos ditos nacionais. Mas acima de tudo fala o interesse econômico. O estado democrático é demonizado, porque em tese seria tolerante com as chamadas perdas nacionais.

Nos Estados Unidos interpreto que o discurso fundamentalista sempre foi marcadamente forte, pela ocorrência de grupos extremistas, que existem desde os primeiros momentos de sua vida política. A política armamentista, como uma ideologia pregada abertamente incentivou a construção de arsenais como se preparando para uma guerra imaginada contra o governo ou outros inimigos. Quero dizer que isso sempre esteve hibernando por lá. Mas mais recentemente ocorre a elaboração de um discurso de caráter de defesa dos interesses econômicos dos empresários, como se fosse de toda a população, contra aquilo que dizem ser decorrente dos governos democratas *fracos*. A expressão máxima dessa gente é o ex-presidente

republicano Donald Trump, que se prepara para concorrer novamente às eleições presidenciais do ano de 2024. Mas ocorre também aqueles setores sensibilizados com os ideários supremacistas que nunca foram debelados no seio daquela sociedade. Pelo que assistimos como desdobramento de tudo que acontece, todos os radicais se reúnem sob as mesmas bandeiras e sob as mesmas práticas violentas, se auxiliando no ataque aos *inimigos* em comum.

Ao passo que no Brasil existe uma profusão de ideias vindas do Norte, sem esquecer que por aqui já tivemos um partido integralista inspirado no fascismo, que entrou para ilegalidade no contexto da ditadura Vargas, mas aquele perfil de discurso continuou vivo, porque seus mentores não caíram na clandestinidade, nem foram presos. Pelo contrário eles continuaram agindo politicamente, uma vez que foram eleitos por sucessivos mandatos. Logo aqueles princípios continuaram sendo defendidos, sem mencionarem integralismo e fascismo, mas o cerne do ideário continuou íntegro compondo as suas plataformas políticas. Essas ideias se juntam com o pensamento autoritário de origem militar ditatorial (1964-1985) forjando o que vivenciamos hoje no País.

3. Há ou não há compartilhamentos de estratégias, estilos e Discursos entre os líderes de extrema direita?

MM – Prestemos atenção numa coisa: esses líderes podem até se encontrar e trocar afagos e servirem de inspiração uns para os outros, mas no geral seguem um discurso, uma agenda própria de suas realidades, atacam alvos próprios de suas realidades nacionais, estão empenhados em falar para seus públicos internos. Não esqueçamos que o líder no Brasil desse campo é um pária internacional, onde nem mesmo os mais notáveis líderes extremistas do Norte querem aparecer numa fotografia com ele, por temor de abalar suas credenciais junto aos seus seguidores ou serem defenestrados a ponto de sofrer expurgo político.

Contudo não tenho dúvida que ocorre uma mimetização de ações e pautas que numa eventualidade uns inspirem aos outros. Mas quero acreditar que os do Norte são mais autênticos na elaboração de um repertório discursivo pautado na realidade tangente. Ao passo que por aqui ocorre um mimetismo, uma imitação, uma cópia tosca de certas ideias.

4. Afinal, qual a expressão mais correta e adequada para definir esse movimento: populismo reacionário? Fascismo pós-moderno? Neofascismo?

MM – Tenho dúvidas como e se devemos empregar uma ou somente uma expressão para designar essas forças que pregam o extremismo autoritário nos nossos dias.

Se apelamos para uma ideia de populismo reacionário temos que o chamado populismo é muito difuso até mesmo na sua constituição histórica. Em cada lugar apresentou maneiras específicas, peculiares à realidade local. Por populismo podemos compreender numa faceta a fala direta do líder com a chamada massa, constituída por todos os setores desabastados da sociedade, sem a intermediação das instituições partidárias. Tudo gira em torno do líder nessa relação comunicativa, no exercício político para conquistar ou exercer o poder.

O contexto do populismo historicamente marcado, pelo menos no caso brasileiro, consistiu num certo esforço em frear os chamados avanços de perfil esquerdista, o avanço do comunismo. Dai lidar diretamente com as massas oferecendo ganhos historicamente pautados sob a liderança de um sindicalismo de origem anarquista entremeadado depois por socialistas. Mas junto com isso ocorre também um esforço desenvolvimentista, que esgarça para outras interpretações daquele modelo dito populista. Então mesmo que se admita aqui o populismo ele já apresenta essa reação às esquerdas.

Quero interpretar que tanto o fascismo pós-moderno ou neofascismo carregam um certo teor em comum daquilo que vivemos no tempo

presente. Se conseguimos explicar quais são os marcos disso que chamamos pós-moderno é possível então enquadrá-lo como tal, porque os marcadores se encontram ou decorrem dessas novas atitudes.

Se preferirmos chamar por neofascismo, atribuindo ao prefixo *neo* efetivamente o sentido de novo, porque incorpora novas práticas, que não foram utilizadas na sua constituição histórica, então poderíamos enveredar por uma possibilidade de empregar uma nomeação coerente e compatível com os sentidos daquelas práticas.

Mas pensemos que esses grupos se apresentam sob múltiplas facetas na luta pela construção dos regimes autoritários, independente de ser no Norte ou no Sul. É certo que nazismo e fascismo se misturam na constituição ideológica desses novos movimentos que se expressam fazendo uso dos novos instrumentos e tecnologias de mediação social que fazemos uso no tempo presente, que foram edificados depois das experiências que moldaram aqueles regimes no período entre guerras. Eu chamo genericamente como nazifascismo, por entender essas misturas e apropriações. Mas é certo e também concordo compreende-los dentro desse caráter de *neo*, de novo, pelas práticas e instrumentos novos a que recorrem.

Creio que o essencial é explicar por qual motivo escolhemos um nome ou outro. Explicar porque empregamos uma terminologia mostrando uma coerência com os propósitos das nossas elaborações. Se escolhemos *populismo reacionário*, *fascismo pós-moderno* ou *neofascismo* devemos explicar fundamentando teoricamente devidamente. Isso é essencial.

Entrevistadores: José Renato Ferraz da Silveira e George Leonardo Seabra Coelho